



O desfile das tropas americanas, chegadas a Londres para saudar o rei Jorge V.

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500 Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregado accresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis

CAPAS PARA OS COLLECIONADORES DA 'ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA,'

Temo-las já impressas, a 440 réis

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clerigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'ete Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clerigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n.º 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochia de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcaçova.

O referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações chirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 3, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

V A G O

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos
para o curso dos Lyceus, Commercial e
Instrucção Primaria..

Estampas

para a enthronização do S. Coração de Jesus.
Impressas finamente a duas côres. Cada exemplar, 60 réis.
Pelo correio, 65 rs.

Pedidos á administração dos «ECHOS DO MINHO»
BRAGA

V A G O



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario, Joaquim A. Peretra Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 8 de Dezembro de 1917

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 232—Anno V



NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

(Cliché de Francisco P. Mendes)

CHRONICA DA SEMANA

Não voltam mais!...



sacerdote traçava no ar, com a sagrada Custodia, a cruz abençoadora. Adeante de mim, de pé, um cavalheiro de meia idade.

Acercou-se d'elle uma senhora.

—O' snr. Carneiro, a missa começou?

—Já sim, minha senhora, pois não vê? respondeu o cavalheiro apontando para o altar.

A senhora não era myope. A meu lado, durante a missa, que começou uns dez minutos depois de terminada a cerimonia do encerramento da exposição do Santissimo Sacramento, ella seguiu perfeita e correctamente todas as passagens do ritual romano. Portanto, a pergunta que ella fizera ao sr. Carneiro e a resposta que o sr. Carneiro lhe dera apontando para a capella-mór, só podiam ter esta explicação: nem a senhora nem o sr. Carneiro sabiam o que era a Missa.

Este meu raciocinio, desdobrado cá fóra na praça, á tepidez agradável do sol do meio dia de um bello domingo de inverno, enquanto o engraxador me lustrava as botas, sujas de poeira da parada do quartel, pareceu-me invulneravel; e devo acrescentar que nunca mais aquelle sr. Carneiro e aquella senhora se me apagarão da memoria, quando reflectir na situação religiosa do paiz sobre as paginas da obra monumental de Spirago que bastas vezes consulto.

Verdade é que n'aquella igreja já eu ouvi soprados pelos folles do orgão, uns compassos da *Viuva Alegre*, durante uma missa dominical, audacia que *Banco de Pé* tomou á conta da sua palmatoria inflexivel no domingo seguinte! e tambem é verdade que ainda ha pouco o *Burro do sr. Alcaide* illustrou uma missa de *requiem*.

Com os olhos cansados de tanto vêr, como escrevia o bom e purista Bernardes, eu não tenho direito algum de os esbogarhar espantado, deante da pergunta da respeitavel senhora e da resposta do não menos respeitavel sr. Carneiro que é calvo, demais a mais. As calvas possuem seus fóros. Só as moscas e os chinós os irreverenciam,—isto sem remoque ao chinó do sr. dr. Egas Moniz que hontem eu vi e que gostava mais de vêr cathedraicamente careca,

Não me espantei. Todo o santo domingo, a meus ouvidos, como um *refrain* teimoso de funda culpa indelelivel, reaccordavam aquellas palavras reveladoras:

—Sr. Carneiro, a missa já começou?

—Já sim, minha senhora, pois não vê?

E visionavam de novo os meus olhos o sacerdote dando sobre a massa dos fieis a benção do Santissimo Sacramento... Mas não me espantava; nem mesmo quando, n'esse mesmo dia, na Batalha, junto ao correio, trez petizes passaram por mim, e um d'elles dizia alto o Padre Nosso, terminando por concluir com uma satisfação que se lhe resplandecia na carita redonda e córada de bambino!

—Eu cá já sei...

N'essa altura, confesso, que a recordação d'aquellas phrases foi um pouco mais viva porque de mim para mim desejei que o sr. Carneiro e a supradita senhora se sentassem nos bancos da catechese, na igreja da sua freguezia—dado que lá se ensine a doutrina—um ao pé do outro, muito quietos e attentos, como eu aprendi debaixo dos olhares vigilantes e inesquecivelmente bondosos da minha boa Avósinha (que Deus a tenha no céu) o *Sois christão? Sim, pela graça de Deus*. Deixem-me fitar-me por momentos apenas, nos quadros tão queridos d'esse tempo, n'uma linda tarde de verão, n'aquella sala de jantar terrea, por onde entrava surrateiro o aroma fresco do pomar, cheio de sol, e do vinho novo, sentado na arca, junto da porta, mesmo por baixo de um velho quadro do Bom Jesus do Monte e talvez em frente d'um prato cheio de uvas...

Momentos pedi apenas, para esta inoffensiva rememoração. Mas o sr. Carneiro e a senhora que o interrogou, confesso, não são inexgotavel filão de chronistas, tanto mais que, invencivelmente, me veio á memoria que as minhas palavras serão lidas no dia da Immaculada Conceição de Nossa Senhora, e esta lembrança reatou, deu mais olôr á retrospectão que me enlevava, atirando-me agora — é tão bom recordar! — para uma manhã triumphel de 8 de dezembro de 1898, em que eu subia a estrada do Sameiro, a remirar á direita a para mim revelada belleza do panorama vasto das collinas sobre as quaes pairavam esgarçados alvos lençoes de neblina. O ar era purissimo nas alturas. A poalha do sol tremeluzia já no azul vasto. Subiam para o céu as revoadas de sons das igrejas em festa. Como era lindo aquelle dia!

E recordo-me bem de me mostrarem lá em cima, sobre os degraus do monumento, ao longe, recortada na orla derradeira do horizonte a silhueta do convento de Santa Clara, da minha callada e recolhida terra de nascença, ao pé do mar... E lá dentro, olhando pela vez primeira para aquella imagem de Nossa Senhora, em que ha espelhada na verdade, uma doçura piedosa de Mãe, diluida mansamente n'um olhar que é todo de paz condoida e consoladora, um pouco triste talvez, para melhor penetrar na alma portugueza: então, ao rezar, a *Avé Maria* eu senti aquillo que ao depois, mais tarde vim a ler traduzido n'um soneto do parnasiano auctor das *Pombas*:

Quando rezaes, ás horas do sol-posto,
A *Avé-Maria* assim, no azul parece
Sorrir-se a Virgem-Mãe eos desvalidos;

Nossa Senhora inclina um pouco o rosto
Para escutar melhor tão meiga préce,
Hymno tão doce e grato aos seus ouvidos...

Quem me dera subir á montanha santa com o coração que lá levei a Nossa Senhora n'aquella manhã de ha dezenove annos!

F. V.

Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

Batalha Reis



homem d'espirito e de coração, que suave e serenamente acabou ha dias no seu alegre casinhoto da Avenida, era alguém na sociedade portugueza. Lisboa adorava-o, disputava-o anciosa para as suas festas, os seus jantares, onde Batalha, o nosso bom, o nosso querido Batalhinha de dez gerações seguidas, não faltava nunca com a sua casaca severa e o seu espirito juvenil.

Homem de sciencia, escriptor elegantissimo e original, elle foi sobretudo o mais inegualavel narrador que tenho conhecido. Ninguem como elle sabia vincar n'um traço, n'um gesto, n'um detalhe, todo o espirito d'uma situação, caricaturar um typo, fixar um aspecto, animar, embrincar o canastro insipido d'uma vulgaridade, que atravez do seu espirito, com a nota viva e original da sua graça, se convertia n'uma pequena maravilha.



Batalha Reis

Tinha como poucos o segredo da conversa e essa arte subtil, complicada e viva, o equilibrio sereno do *causeur*, que entretém sem ferir, que deleita sem subjugar, que illustra sem aborrecer, tinha em Antonio Batalha Reis, o seu mais notavel cultor. Original repito, d'uma originalidade que muito *busio* (era este o seu termo predilecto) desdenhosamente chamaria snobismo, o meu querido *Batalhinha*, o meu velho, o meu leal amigo de tantos annos, com toda a sua *patine* d'homem moderno, viajado e culto, que vestia com a mesma elegancia uma samarra extremenha, como um frak do *Poole*, era no fundo um romantico, o dandy-artista garrettiano, que melhor ficaria dentro d'uma casaca vintista do que no seu amplo e enorme jaquetão londrino.

Contava um amigo em cada conhecido e sabia agradar porque tinha em alto grau o segredo da *sympathia*. N'uma sala, beijando natural e aristocraticamente a mão patricia d'uma grande senhora ou flirtando com uma rapariga; caturrando n'um foyer com uma artista em voga, n'um grande jantar, ou n'uma ceia esturdia, elle era o mesmo inconfundivel espirito d'homem vivido e correcto, que conhece todos os meios e para quem o mundo não tem segredos já.

Contam-se aos milhares as suas anedoctas, os seus epigramas, os seus ditos. O homem de sciencia, que tanto honrou a *œnothecologia*, nacional, que se impôz com brilho nos immensos congressos onde representou o seu paiz, compunha como poucos um epigrama e elle, que foi um grande coração, que só soube sacrificar se por todos, se alguém o feria perdoava sempre, mas só depois de ter floreteado levemente, n'uma ironia mansa que só elle conhecia, o seu pretensso aggressôr. Tendo vivido na intimidade de todos os politicos, de todos os artistas, de todos os grandes homens (e havia-os n'esse tempo n'este desgraçado paiz.) Batalha poderia ter sido o que quizesse e limitou-se a ser como pitorescamente dizia um humilde taberneiro. Deixa uma obra valiosissima onde muito terão que aprender os *œnothechnicos* e que todos poderão lêr com agrado, porque mesmo no campo stricto da sciencia, Batalha Reis soube revestir as suas idéas e os seus ensinamentos d'uma fôrma pitoresca e original.

Hei-de um dia referir as suas anedoctas, quando mais refeita a saudade eu evocar a sua figura querida, n'estes longos serões de vencido, na solidão da minha toca, mas hoje, não me furto a relatar uma, que tantas vezes lhe ouvi nas nossas ceias alegres — bons tempos! — do seu *pia terre* do Falla Só.

Uma noite, Batalha encontrou no velho Martinho, dois rapazolas que conhecera

mezes antes n'uma das suas inumeras peregrinações pela terra alentejana. Expansões, cumprimentos e logo um dos esturdios alemtejanos que concluíra n'essa tarde com êxito, um negocio de cortiça, propôz com enthusiasmo:

— Snr, Batalha queremos hoje pandega rija. Conhecemos mal Lisbôa... Ainda bem que encontramos.

Batalha Reis olhou-os... sorriu, e respondeu:

— Pandega rija?!

— D'estas pandegas que acabam na policia... voltaram os dois n'um frenesi de collegiaes.

Batalha, arrastou-os para a rua e enquanto elles procuravam uma tipoia (n'esse tempo o batedor era imprescindivel) abaixou-se apanhou uma pedra e jogou-a a um dos velhos candieiros do D. Maria...

Horas depois, no governo civil, Batalha Reis explicava ao Pedroso Lima:

Estes meninos pediram-me pandega rija que terminasse na policia e como amanhã tenho muito que fazer, comecei afinal por onde fatalmente acabaria...

Foi uma questão d'economia de tempo!.....

Ève Lavallière

Infirmitas haec non est ad mortem.
sed pro gloria Dei.

S. João, XI. 4.



HENRY MASSIS, o auctor do inquerito á mocidade franceza, premiado pela Academia e um dos mais brilhantes officiaes da *Cruz de Guerra* e da *Legião d'Honra*, teve um dia este amargo presentimento, que se converteu n'uma triste realidade:

«*Para que a França se salve é mister que nos disponhâmos a morrer. Pertencemos a uma geração de sacrificados*»...

Ao recordar o nome glorioso da Lavallière acode-me á lembrança, sem saber porquê, esta palavra digna do Evangelho.

E' sempre admiravel a mulher que se despede do mundo e vae encerrar o melhor da sua vida na paz e na tranquillidade d'um convento. Mas quando essa mulher tem o prestígio da belleza e fascinação do talento, quando poder dispender *milhões* e dar largas a todos os caprichos, transforma-se em admiração o respeito e ninguem pode ficar insensivel a esse gèsto suavissimo de abnegação e de renúncia.

Ève Lavallière pertence tambem, e agora sobretudo, á heroica *geração sacrificada*. Podia contentar-se, como outras grandes figuras femininas, em pôr de lado um fausto provocadôr, dançar pelos mutilados em *soirées* de caridade, ou vestir-se de branco e servir de enfermeira. Não chegava a ser uma mudança de vida, mas já era uma abdicção do prazer. Era baixar um degrau do seu throno e dar o braço orgulhoso ao infortunio e á miseria. Mas Ève Lavallière foi mais longe. Abandonou tudo, e como a filha unica de Jaurès — ainda uma *sacrificada* aos crimes de seu pae! — fez-se uma pobre Irmã de Caridade.

E' um lance commovente, como o da ingénua *Primerose*. Mas não foi um segredo d'amôr que a levou ao claustro.

Foi uma vocação irresistivel, um appêlo de Deus. «*J'ai été touchée par la grâce*»... A Providencia marcou-lhe o seu destino, como um penhôr de misericordia e de salvação para a França. Ella obedeceu ao chamamento...

Henry Massis tinha razão. Charles Pégny foi encontrado môrto, na desoladôra retirada de Charleroi, com um rosario na mão Ève Lavallière esqueceu os chapins de colibri e entrou para o convento das *Carmelitas descalças*...

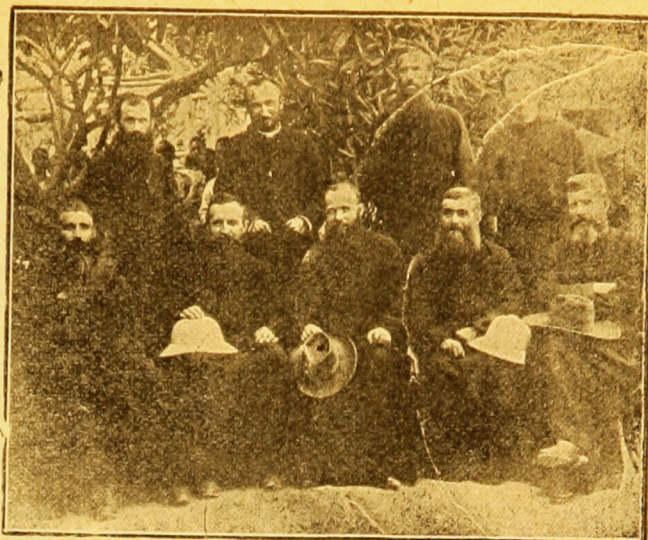
MANOEL SEMBLANO.



O infante D. Afonso Henriques, duque do Porto recentemente casado em Madrid, com uma miillonaria norte-americana.

Missões de Angola

Com intervallo de poucos dias falleceram dois velhos missionarios de Angola, dois valentes lutadores do apostolado catholico no Congo e Angola, que se notabilizaram pelos seus trabalhos em prol da religião e da civilização.



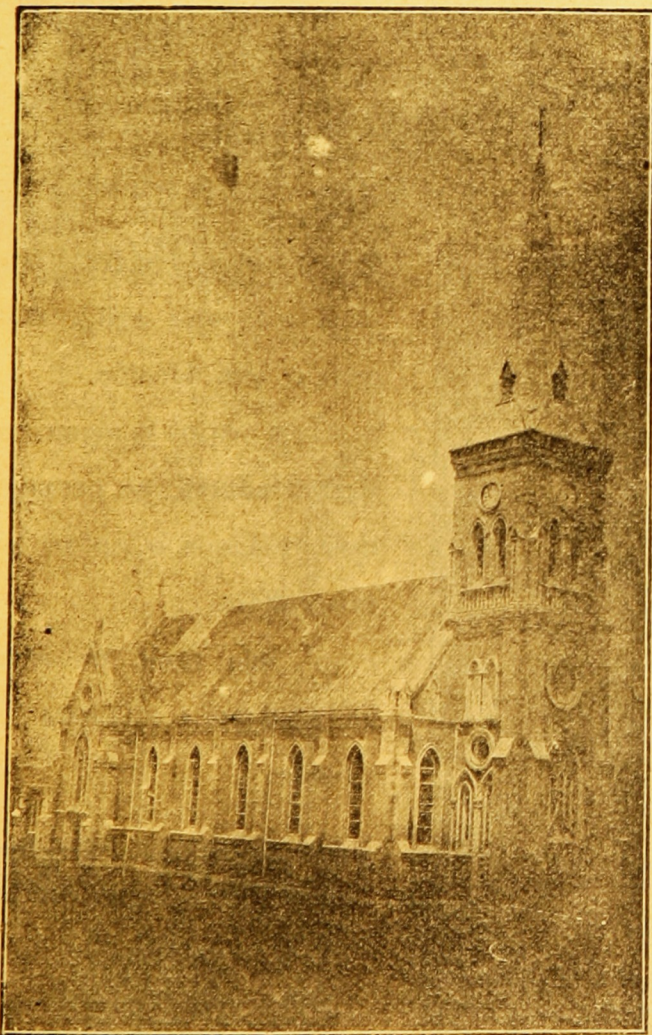
Superiores das missões catholicas do interior.

Um era nosso visinho, natural d'esta velha archidiocese, o Rev. Padre José Joaquim Magalhães, que trabalhou por espaço de quasi 20 annos nas missões do Enclave da Cabinda, desempenhando desde 1902 as funcções de Superior d'aquella jurisdição. O seu nome era venerado por todos, europeus e indigenas, sem distincção. No seu tempo se concluiu a grandiosa igreja da missão de Landana, consagrada ao apóstollo S. Thiego, que foi aberta ao culto em 1904. Damos uma photographia d'esse lindo templo, de cuja construcção foram operarios os educandos da missão, dirigidos superiormente por um velho irmão, que foi o architecto d'esse monumento.



P.º L. Keiling superior das missões de Benguela.

Outro era o Rev. Padre Antonio Genié, gascão de origem, que foi para Angola em 1885, dando às missões 33 annos de apostolado, sempre no Sul de Angola, onde teve que experimentar as maiores provações. Foi Superior da missão do Cuanhama, e tanto basta para se avaliar o valor do seu esforço e a grandesa dos seus sacrificios.



Igreja da missão de Lândana, concluida pelo P.º J. J. Magalhães em 1904.

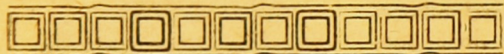


— Quando eu andava no collegio era applicada, obediente e estudiosa...

— Não me admiro, mamã. Quando eu for grande heide dizer o mesmo a meus filhos.

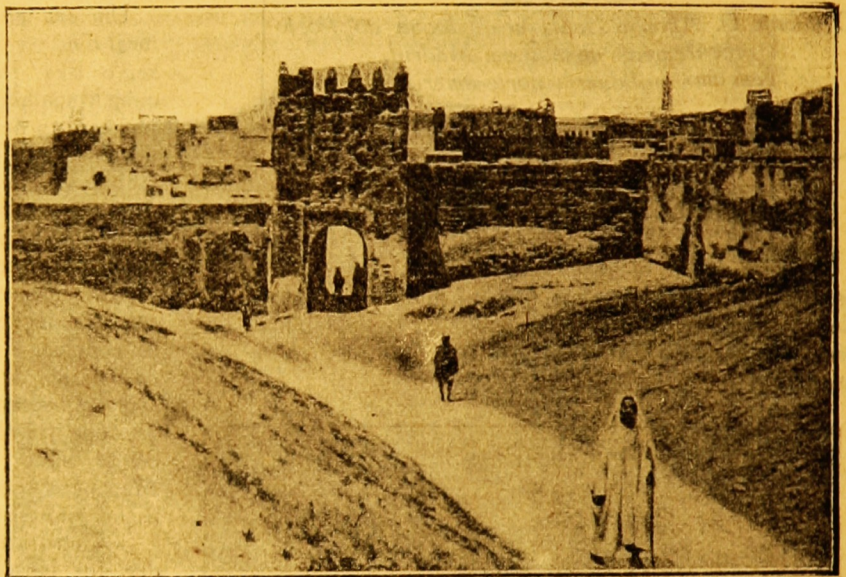


A unica forta de Tripoli



Tripoli era antes uma grande cidade comercial. Era o ponto de partida de milhares de caravanas, que atravessavam o deserto Saará levando assucar, chá e perolas, trazendo em troca, pennas de avestruz, marfim e peles curtidas.

Com as linhas ferreas francezes e inglezes e com o porto aber-



A côrte de Muley-Hafid, perto da Mesquita de Karnivin (Fez)



Marrocos - (Scenas e typos). Uma porta de Tanger

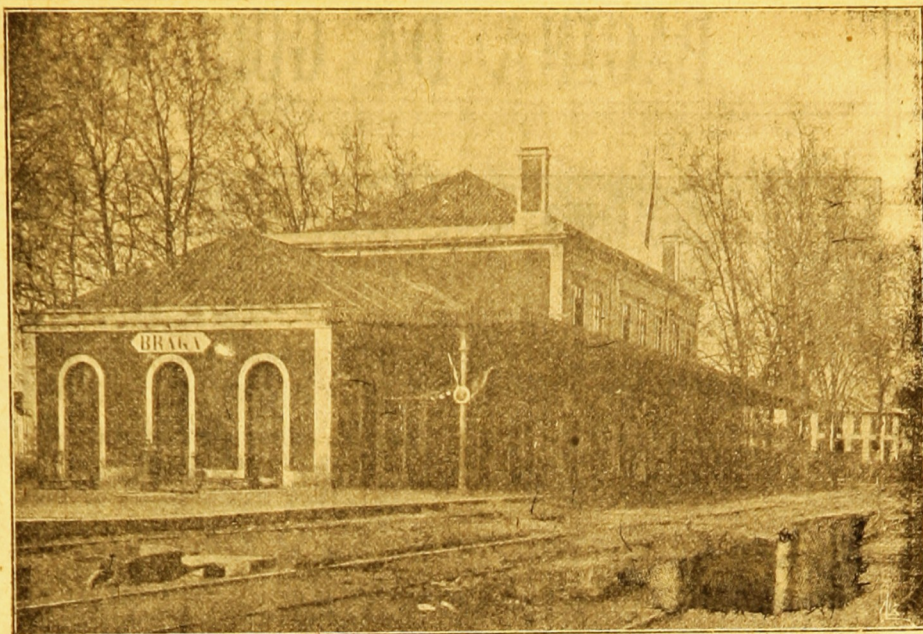
to na costa occidental africana todo esse antigo commercio tem decaído.

Tem varios monumentos denunciadores da passagem dos romanos e outros povos antigos.

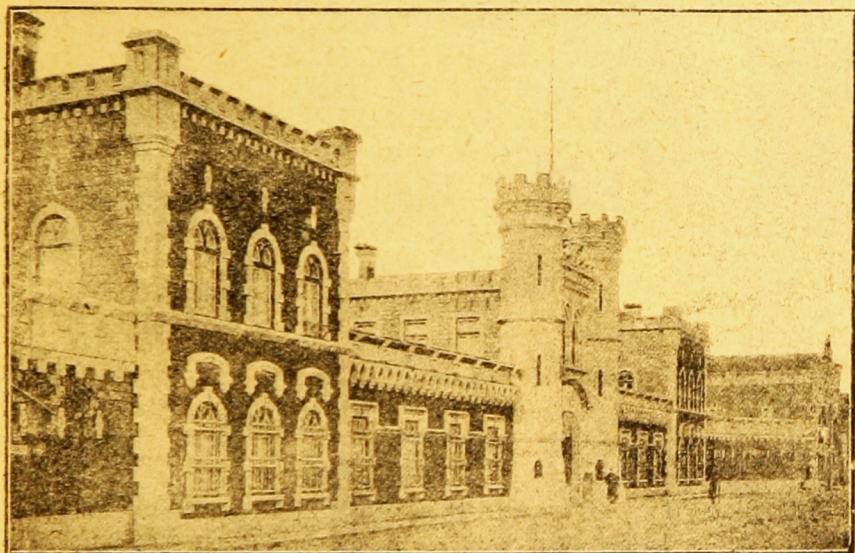
A sua fonte de riqueza principal é a tâmara e a cevada.



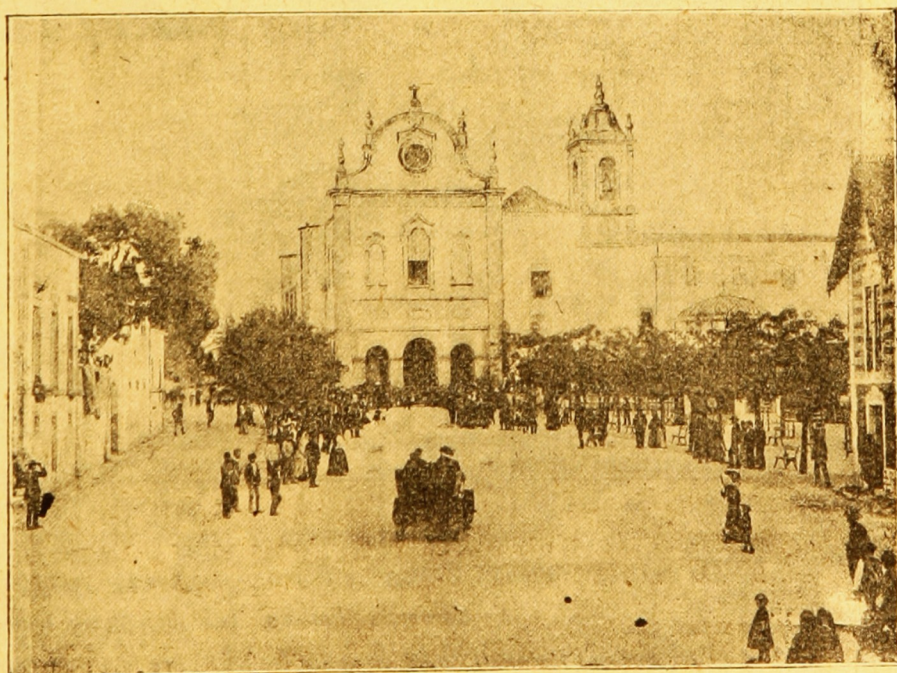
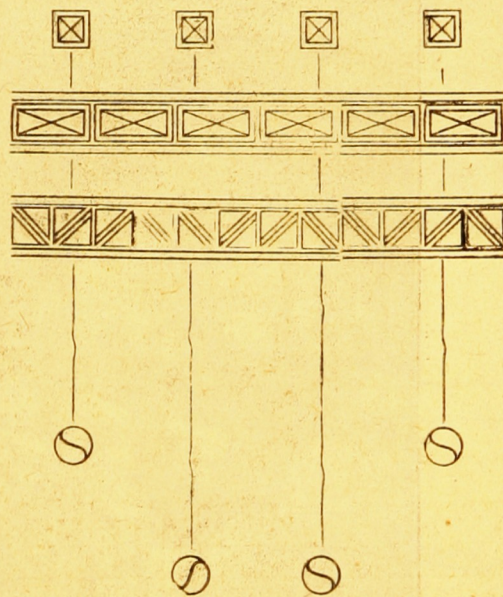
Atravez
de
Portugal



A estação do caminho de ferro de Braga

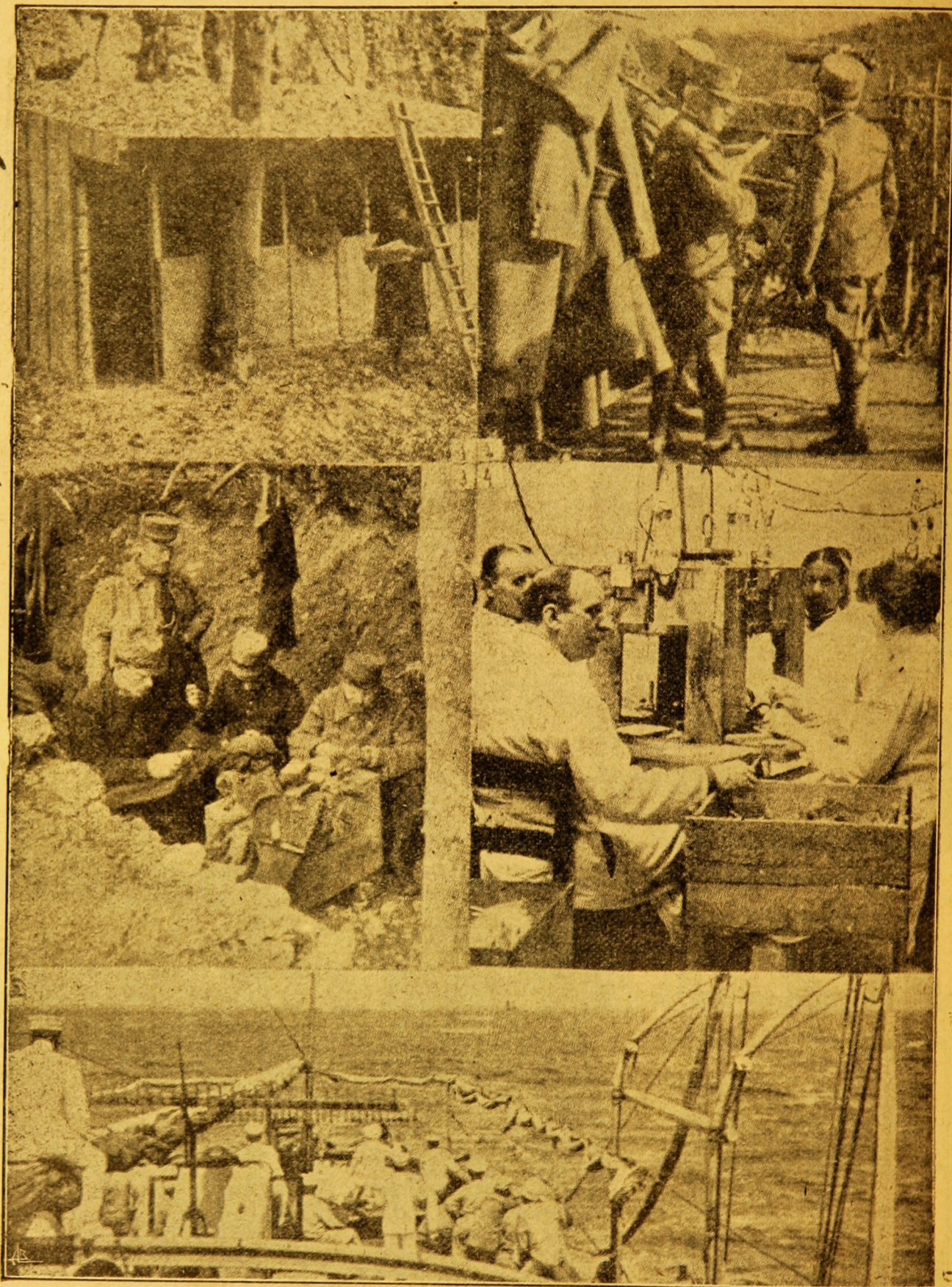


A Penitenciária de Lisboa



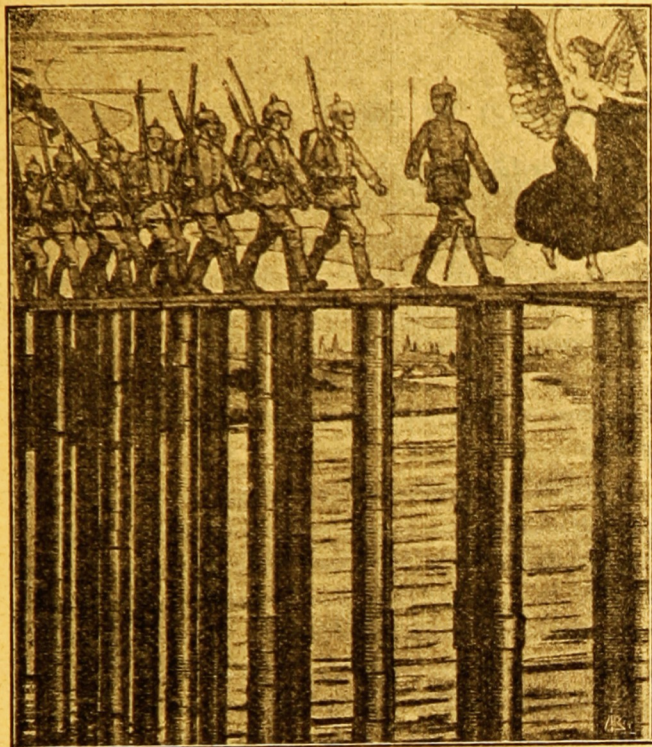
O convento da Graça em Torres Vedras

PAGINA DA GUERRA EUROPEIA



- 1 — Abrigo dissimulado nos bosques da França para vigiar a passagem dos aviões.
- 2 — Os generaes italianos, Cadorna e Porro examinando o decorrer d'uma operação no Isonzo.
- 3 — Soldados alfaiates, trabalhando nas trincheiras.
- 4 — Laboratorio installado n'um hospital francez para a producção da vaccina contra o typho.
- 5 — Marinheiros italianos fazendo exercicios de tiro ao alvo.

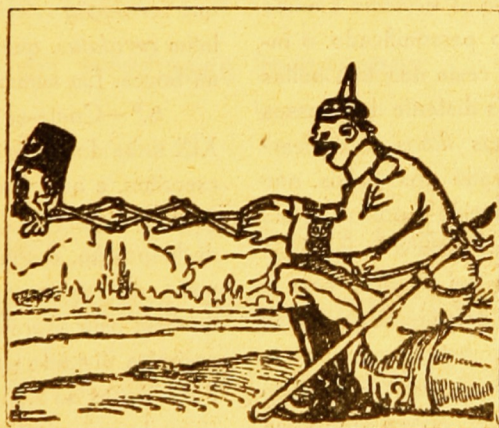
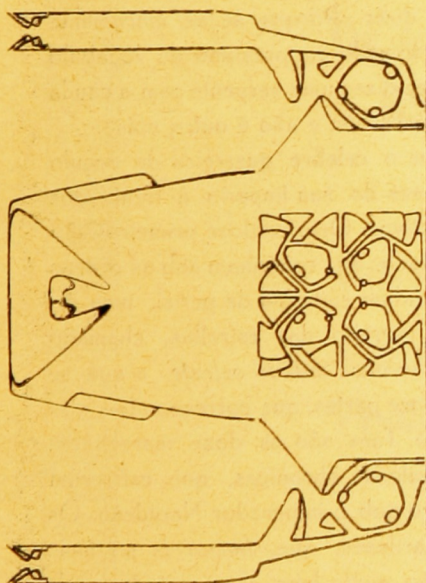
Caricaturas da Guerra



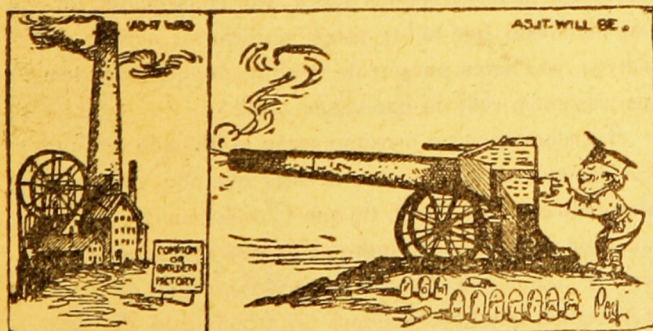
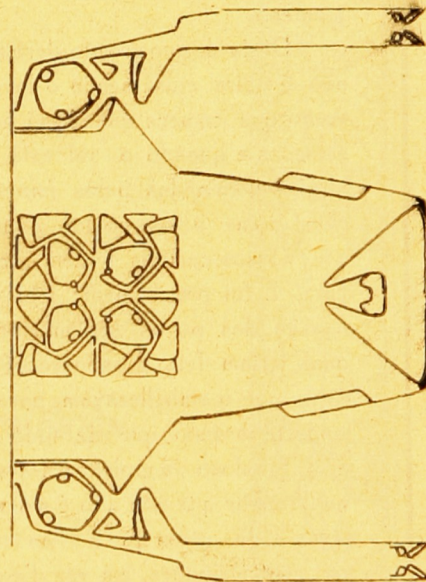
A marcha triumphal dos allemães sobre o mar da Mancha.
Os postes da ponte são canhões de grosso calibre
(caricatura allemã).



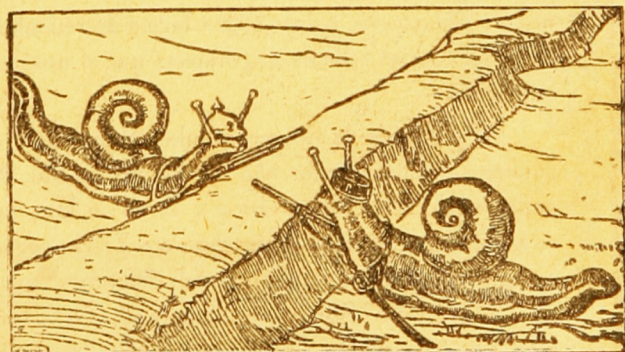
O Absalão moderno



O brinquedo allemão na Turquia
(caricatura hespanhola)



A industria da paz fará a guerra



A grande actividade na guerra

SERÕES AMENOS

DE FREY GIL DA SOLEDADE,
EGRESSO DA FALPERRA.

XVI



CONTINÚO a traduzir o opusculo de Peres :
•Mas ainda que se pretendesse, para tirar força ao confronto feito, que o Inverno não fica sem imperio, e se lhe quisesse attribuir o melancolico principado das neves e dos gelos, que nessa estação desamoravel embranquecem e enrigidecem os nossos campos, pronta seria a nossa resposta, e viria a ser: que o vão e ridiculo principado de que se pretende que foi revestido este quarto irmão de Napoleão, depois da decadencia de toda a familia — o principado de *Canino* — não passa de um significado de cabellos brancos da fria velhice, a qual se refere ao Inverno. Porquanto raciocinando nós de accordo com os poetas, as florestas que circundam as nossas montanhas são a sua cabelleira, e quando o inverno as cobre de toda a casta de brumas, são os cabellos brancos da natureza enlanguescida na velhice do anno

Cum gelidus crescit canis in montibus humor.

•quando a gelida neve endurece e augmenta as cans dos montes.

Desta demonstração deriva que o Principe Canino não é outra coisa senão o Inverno personificado, o inverno que começa quando já nada resta das tres bellas estações e quando o sol está mais distante das nossas regiões dominadas pelos *impetuosos filhos do septentrão*, nome pelos poetas consagrado aos ventos, que aos nossos campos trazem descolorida e odiosa brancura. E foi precisamente isto o que susteve a fabulosa nvasão dos povos septentrionaes em França, com a qual teriam feito desaparecer um estandarte de varias cores que o embellezavam, para o substituir por um estandarte branco que de todo a teria coberto, afastado á o fabuloso Napoleão. Parece-me, porem, que seria nutil repetir que isto não é mais do que um emblema das neves e dos gelos que a ellas trazem no inverno os ventos septentrionaes, em vez d'aquellas amaveis côres que o sol mantinha em nossas patrias antes de se apartar de nós no seu occaso, coisas todas faceis de reconhecer em analogia com as fabulas engenhosas que o nosso seculo imaginou.

6.º Segundo as mesmas fabulas, Napoleão teve duas mulheres e outras tantas são attribuidas ao Sol. As duas mulheres do Sol eram a Lua e a Terra; a Lua, segundo os gregos, testemunha Plutarcho; e a Terra, segundo os egypcios. Houve contudo notavel differença, porque da Lua não teve o Sol posteridade e da Terra houve um filho, um filho unico, e este é o pequeno *Horus*, filho de

Osiris e de Isis, isto é, do Sol e da Terra, como se pode ver na *Historia do Ceo*, tomo I, pag. 61 e seg. Isto não é mais do que uma allegoria egypcia, em que o pequeno *Horus* nascido da terra fecundada pelo Sol indica os fructos da agricultura, e precisamente foi collocado o nascimento do pretense filho de Napoleão a 22 de março, no equinoxio da primavera, porque na primavera começam a desenvolver-se bem os productos da agricultura.

7.º — Consta-se que Napoleão poz termo a um flagello devastador, que mantinha no terror toda a França, e a que chamavam a Hydra da Revolução. Ora deve-se considerar que uma Hydra é uma serpente, e de nada serve levantar difficuldades sobre os diversos generos, quando se tracta de uma fabula. Aquella Hydra é a serpente Python, reptil enorme e que na Grecia causava estremo terror, até que Apollo a encheu de alegria matando aquelle monstro, e foi esta a primeira façanha de tamanho numen. Precisamente por isto é que se conta que Napoleão começou o seu reino estrangulando a revolução franceza tão chimerica como tudo o que já dissemos e estamos para dizer. Porque se vê claramente que *revolução* é termo tomado em prestimo do vocabulo latim *revolutus*, que quer dizer uma serpente com a cauda na bocca. Em summa, é Python e não é outra coisa.

8.º — Conta-se que o celebre guerreiro do seculo XIX tinha dose marechaes do seu imperio á frente dos exercitos, e quatro inactivos. Ora, os doze primeiros são os doze signos do Zodiaco, que caminham sob as ordens de Napoleão, e commandam cada um de per si, uma divisão do innumeravel exercito das estrellas, chamado tambem pela sagrada escritura *milicia celeste*, e que se encontra dividido em doze partes, que correspondam aos doze signos do Zodiaco. Taes são os doze marechaes, segundo as nossas fabulosas chronicas, que estiveram em actividade de serviço sob o imperador Napoleão. Os outros quatro pontos cardeaes, que, *immoveis* no meio do movimento geral, são muito bem representados pela inactividade de que tratamos agora. Por consequente, torna-se manifesto que todos estes marechaes: activos ou inactivos, são seres puramente symbolizos, que não tem mais existencia real do que o seu chefe.

Terminaremos no proximo serão o traslado da curiosa demonstração. E pense o leitor que não vale mais a demonstração de Bossi, de que Christo nunca existiu, e que pouco mais valem outras *demonstrações*, neste genero, de Salomão Reinach e quejandos corifeus da sciencia incredula que hoje brilham no firmamento do anticlericalismo!

Stabat Mater

A D. Zulmira de Mello

Tudo se consumara. Ao pé da Cruz,
A pobre Mãe, a d'Elle e nossa, estava,
E, os olhos rasos d'agua, contemplava
O corpo ensanguentado de Jesus.

«Elle era a minha, era do mundo a luz,
Dizia, erguida a voz em tom magoado,
«E n'este lenho o vi, crucificado,
Lacerados os pobres membros nós!

«Vi-o, n'aquella angustia dolorosa
De todos, quando a morte se avisinha
A hora do trespasse temerosa.

«Vi-o morrer, e eu só elle tinha!
Vós que passaes, dizia lacrimosa,
Vê-de se ha dor que se compare á minha!»

JOÃO PENHA.

25-XI-17

Jerusalem Moderna

POR EDUARDO DE NORONHA

AO desembarcar em Jaffa, o viajante ou romeiro que se dirige a Jerusalem pode optar por dois meios de transporte; alugar um carro e seguir pela estrada real, n'um percurso de 41 milhas ou metter-se no comboio de via reduzida, terminado em 1892 e construido por uma companhia franceza, e andar, quasi tão vagarosamente como na diligencia, as 54 milhas do seu traçado. Não são estas as unicas vias de transito. Abriram-se mais, não decorreram muitos annos, as carreiras para Bethelém, Hebron, Jerichó e Nablus.

Vista a distancia, Jerusalem offerece o mesmo aspecto que a maioria das agglomerações do Oriente. Dominam a cidade, a léste, o monte Olivete; ao norte, o monte Scopus; ao sul o monte do Mau Conselho. Rodeiam-n'a por tres lados as depressões profundas dos valles de Josaphat e do Hinnam. O sultão Solimão mandara-a cercar, no seculo XVI, de muralhas, onde se rasgavam sete portas. O povoado situa-se n'uma montanha que desce gradualmente em direcção do norte para a planicie. Antigamente desenhava a figura de um trapezio. Hoje, a casaria galga, em parte, por cima dos escombros dos muros, e amplia-se para mais além. As encostas das eminencias³ escaiva, das regorgitam de moradias e atapetam-se de jardins e hortas. A aldeia de Siloam é ao presente um povoado de importancia, e as vertentes do monte Olivete cobrem-se de templos, de mosteiros, de habitações de character particular ou religioso.

Jerusalem, vista de um dos pontos dominantes, deixa advinhar o meandro das ruas tortuosas, estreitissimas, de uma irregularidade de linha mettida na algibeira. Em obediencia á architectura das vivendas do Levante os eirados substiuem os telhados. Emergem acima d'aquelles, como esguios marcos de alvenaria, os minaretes onde o almuhadem chama os mulsumanos fieis á oração e as duas cuplas arqueadas e chammejantes, quando o sol lhes bate em cheio, do Santo Sepulchro e da mesquita de Omas.

Dividia-se antigamente, e ainda até certo ponto se divide hoje, em quatro bairros; o dos christãos ou francos, o dos armenios, o dos mulsumanos e dos judeus. Os christãos são principalmente syrios catholicos do rito grego.

Dentro e fóra do velho recinto amuralhado regorgitam os estabelecimentos religiosos e de philantropia, bem como as diversas edificações das colonias hebraicas de Bókhara, Yemen e Europa.

A importante emigração das familias europeias, moalimes e judaicas transbordou para os arrabaldes, como dissemos, arroteando e a jardinando as cercanias. A cantaria tem ido occupando, pouco a pouco, o logar das constucções de madeira e os telhados á occidental erguem-se, ao presente, n'uma certa proporção, em angulos mais ou menos agudos. Alguns d'esses novos predios obdecem já a linhas correctas, harmonicas. Os transportes rodados, desconhecidos durante largo periodo, se tem produzido extensos lamaçoes e levantam densas nuvens de poeira, ignoradas out'ora, apresentam outras vantagens. Para facilitar ás communicações entre a cidade e os arrabaldes, abriam o Bab-ez-Zahire ou a Porta de Herodes e ainda outra na esquina noroeste da cerca militar. Igual sorte padeceu outra porção de muralha nas immediações da Porta de Jaffa para permittir o accesso aos carros.

(*Continúa*).

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

OFFICINAS

—DE—

Esculptura em Madeira

—E—

PINTURA

Teixeira Fanzeres

RUA DO SOUTO 134—BRAGA

N'estas conhecidas officinas, executam-se com a maxima perfeição, imagens desde a miniatura ao tamanho natural. Esculpturas com magnifica pintura. Tem sempre em deposito um variado sortido de imagens, bem como banquetas, douradas, belas automaticas, jarras, sacras, sanctuarios, crucifixos e outros artigos religiosos. Encarrega-se em todo o paiz de altares, tribunas, decorações em qualquer estylo, e de todos os trabalhos pertencentes a este ramo d'arte.

Perfeição e nitidez em tudo

Preços modicos

Contra riscos e guerra terrestres
e marítimos, grêves, tumultos e roubos.
segura a *Companhia Luzo-Brazileira*
de Seguros

SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião
19-2.º—Tel. C. 2961. Banqueiros: Pinto & Sot.
-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povo
de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

José de Faria Machado

R uado Souto 105-1.º BRAGA

Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concer-
tos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos Har-
moniums, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria,
optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.ª

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588 — RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa,
Numero avulso 300 rs. (moeda brazileira)

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis. encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echosdo Minho», e officinas de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com maxima rapidez, perfeição, e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^e Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA